

# UM INDUSTRIAL ALEMÃO EM CAMPINAS AO FINAL DO SÉCULO XIX

Duílio BATTISTONI FILHO

Contando com um progresso inigualável a partir de 1870, graças às rendas da exportação de café e do grande desenvolvimento imigratório, os fazendeiros de Campinas antes mesmo da abolição da escravatura, começam a substituir a mão-de-obra escrava pela livre. Esses fazendeiros dotados de alto espírito empresarial criaram o Clube da Lavoura em 1876, que incentivava a procura de meios racionais para a produção, além de discutir temas ligados à utilização da força de trabalho, maquinários, comercialização de produtos, créditos agrícolas, etc. Entre aqueles que introduziram o trabalho livre em suas fazendas, temos o Visconde de Indaiatuba, Joaquim Bonifácio do Amaral, que, em 1852, constituiu uma colônia de alemães em sua fazenda Sete Quedas.

Campinas passa a receber imigrantes alemães nessa fase de prosperidade em todos os setores. Aqui se estabelecem, abrem negócios e prosperam. Como industriais ou como prestadores de serviço, entram em contato com mais variados setores da sociedade civil estabelecida, geram empregos, relacionam-se com os barões e com pessoas do povo, sejam ricos ou pobres. Diferente do que ocorreu no sul do país, onde colônias são montadas, estrategicamente, principalmente em São Leopoldo, Novo Hamburgo e Blumenau.

Dentre os imigrantes alemães que se estabeleceram em Campinas vamos analisar a figura de *Johan Ludwig Benjamin Faber*, que veio a esta cidade em 1858 e, nesse mesmo ano instala sua fundição, a primeira de Campinas nesse ramo. Em Berlim, cidade onde nascera já era conhecido por ser um hábil artista e pela sua honestidade, tendo sido

nomeado pelo governo alemão, a 21 de novembro de 1850, *chefe da comissão examinadora dos operários candidatos ao título de oficiais*.

Dotado de boa fé, foi iludido por um desconhecido que o convidou para ir ao Rio de Janeiro para assumir a função de mestre nessa cidade. Qual não foi a sua surpresa ao chegar à cidade, acompanhado de nove oficiais, e não encontrar a pessoa que o convidara e nem a oficina.

Essa situação de Faber não era nova. Muitos imigrantes já tinham passado por essa situação, ludibriados por propagandas enganosas dos agentes da imigração. O governo alemão chegou a proibir a imigração para o Brasil. Idêntica medida foi tomada também pelo governo italiano.

O senador Nicolau de Campos Vergueiro, proprietário da fazenda Ibicaba, no município de Limeira, sabendo de sua permanência no Rio, convida-o para trabalhar na sua propriedade, pois necessitava de um artesão especialista em ferro e de um intérprete nas relações com os colonos suíços que ali trabalhavam. Dotado de grande capacidade de trabalho, Faber chegou a ser administrador da fazenda.

Em 1858, como vimos, instala-se em Campinas com sua fundição. Nos primeiros anos sua firma passa por sérias dificuldades, como a aquisição de matérias-primas dos mercados alemão ou inglês, pois as reservas brasileiras de ferro, nesse período, eram pouco exploradas devido à sua localização e, à precariedade da tecnologia quanto à exploração mineral. Além do mais, os consumidores preferiam os produtos estrangeiros já que os produtos nacionais eram extremamente caros devido aos preços altos das matérias-primas importadas. A própria municipalidade não ajudava. Basta dizer que quando da aprovação pela Câmara para que fosse executada a captação da água do córrego Tanquinho para os chafarizes da cidade, os canos de ferro fundido foram importados de diversos países europeus, em vez de serem adquiridos na Fundição Faber, ou em qualquer outra fundição da cidade, como a de Pedro Anderson, que existia desde 1874.

Passado esse período de turbulência, pôde o estabelecimento prosperar, alcançando um grande número de encomendas. A produção aumenta e fabricam-se pontes de ferro (rio Guapeva), grades, portões, candelabros, encanamentos para bombas hidráulicas, moendas para

engenhos, como aquela destinada à Destilação Central de Itu, pesando mais de oito toneladas, e muitos outros produtos.

As vendas crescem extraordinariamente para outras regiões de São Paulo, Minas Gerais e Paraná. A firma também forneceu à Companhia Paulista de Estradas de Ferro todas as peças de bronze e ferro fundido de que necessitava, bem como os diversos portões, grades, portas, colunas, bandeiras de portas e candelabros que ornamentavam os palacetes dos barões do café e da Catedral que estava sendo construída.

A fábrica, apesar dos altos custos dos produtos e a dependência que tinha da importação de máquinas e matéria-prima, conseguia se manter. Entretanto, os problemas começam a acontecer e as dívidas aumentam. Duas vezes, Faber chega a hipotecar o seu estabelecimento, tendo feito o mesmo com uma das casas que possuía.

Com a sua morte em 1878, a firma passa para a viúva e dois de seus filhos, Pedro e Henrique. Apesar dos pesares, os negócios continuam. Nessa época, a razão social da firma passa a ser *Viúva Faber & Filhos*. Em 1885, por ocasião da Primeira Exposição Regional de Campinas, o estabelecimento, com 42 operários situava-se na rua Regente Feijó, 154, esquina com a rua Duque de Caxias.

As dificuldades continuam, as incertezas são imensas. Corriam processos por não pagamento de dívidas, alguns, inclusive, de firmas sediadas em outras cidades, como Rio de Janeiro. Várias causas levaram a essa crise, como por exemplo, dificuldades financeiras, presença de uma mulher à testa do estabelecimento, num meio masculino e que não deveria agradar muito aos senhores com os quais a firma negociava. Em todos os processos de justiça comercial dessa firma, as situações eram sempre feitas a um dos filhos e nunca à viúva. Como vemos, o preconceito contra a mulher já vinha dessa época.

Um fato inusitado foi que a firma e a família sobreviveram à década de 1890, quando a epidemia de febre amarela assolou a cidade. A educação que Luís Faber dera a seus filhos frutificaria, pois, em 1898 podemos encontrar Henrique Faber na posição de subdelegado de polícia do distrito de Santa Cruz. A fundição da família, por sua vez, continuaria a prestar relevantes serviços à cidade até 1909, quando fechou por motivo de falência.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

- (1) Camillo, Ema E. R. *Guia Histórico da indústria nascente em Campinas (1850-1887)*. Campinas SP: Mercado de Letras; Centro da Memória, Unicamp, 1998.
- (2) Karastojanov, Andrea Mara Souto. **Vir, Viver e Talvez Morrer em Campinas: um estudo sobre a comunidade alemã residente na zona urbana durante o Segundo Reinado**. Campinas SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória, 1999.